

## A ETNOMETODOLOGIA COMO PERSPECTIVA DE PESQUISA: DIÁLOGOS DA PRÁTICA

ETHNOMETODOLOGY AS A RESEARCH PERSPECTIVE: DIALOGUES OF PRACTICE

LA ETNOMETODOLOGÍA COMO PERSPECTIVA DE INVESTIGACIÓN: DIÁLOGOS DE PRÁCTICA

Neide Cavalcante Guedes<sup>1</sup>

**Manuscrito recebido em:** 11 de abril de 2021.

**Aprovado em:** 26 de maio de 2021.

**Publicado em:** 31 de junho 2021.

### Resumo

Neste artigo apresentamos ao leitor uma maneira simples de compreender a Etnometodologia, sua história, princípios e expoentes que ajudaram a construir essa abordagem metodológica como instrumento valioso de reflexão e pesquisa no âmbito da educação, cujo foco central seja o contexto social considerando que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana dos sujeitos. Isso faz com que reafirmemos que a pesquisa etnometodológica está muito mais comprometida em demonstrar e descrever de forma densa os detalhes, os ditos e os não ditos e de forma mais especial os etnométodos produzidos a partir da necessidade dos atores sociais.

**Palavras-chave:** Etnometodologia; Pesquisa; Contexto social; Prática cotidiana.

### Abstract

In this article, we present the reader with a simple way to understand Ethnomethodology, its history, principles and exponents that helped to build this methodological approach as a valuable tool for reflection and research in the field of education, whose central focus is the social context considering that the socially constructed reality it is present in the subjects' daily experience. This makes us reaffirm that ethnomethodological research is much more committed to demonstrating and describing in detail the details, the said and the unspoken and, in a more special way, the ethnomethods produced from the need of social actors.

**Keywords:** Ethnomethodology; Research; Social context; Daily practice.

### Resumen

En este artículo, presentamos al lector una forma sencilla de comprender la Etnometodología, su historia, principios y exponentes que ayudaron a construir este enfoque metodológico como una

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Pós-Doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Pesquisadora no Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e currículo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6801-3922>

Contato: [neidecguedes@hotmail.com](mailto:neidecguedes@hotmail.com)

valiosa herramienta de reflexión e investigación en el campo de la educación, cuyo foco central es el contexto social considerando que la realidad construida socialmente está presente en la experiencia diaria de los sujetos. Esto nos hace reafirmar que la investigación etnometodológica está mucho más comprometida en demostrar y describir de manera densa los detalles, lo dicho y lo tácito y, de manera más especial, los etnometodos producidos a partir de la necesidad de los actores sociales.

**Palabras clave:** Etnometodología; Investigar; Contexto social; Práctica diaria.

### **Etnometodologia: contexto e princípios**

A Etnometodologia, corrente sociológica fundada por Harold Garfinkel em 1960, é uma teoria do social que busca compreender a ordem social a partir da valorização das ações cotidianas dos atos envolvidos nos processos sociais. Enquanto teoria social ela propõe um olhar mais apurado para as organizações sociais e suas ações, uma vez que estuda o processo de construção de conhecimento social de uma determinada comunidade, ou seja, uma nova maneira de pensar o ator social como sujeito historicamente localizado e construtor de suas ações diárias. A sua importância teórica e epistemológica se consolidou a partir da necessidade de romper com modos de pensamento da Sociologia tradicional<sup>2</sup> (COULON, 1995).

O termo Etnometodologia surgiu a partir de estudos realizados por Harold Garfinkel quando pesquisando acerca das deliberações dos jurados nos tribunais onde se viu impressionado com a postura desses em avaliar um crime, vindo à tona noções do senso comum, mas “não pretendiam estar usando o senso comum, para avaliar as ordens, as deliberações” (COULON, 1995, p. 50). É a partir dessas pesquisas que em 1955 que Garfinkel se apropria do termo “etnometodologia” não com os estudos dos jurados, mas com leituras de documentos etnográficos, mas conforme está expresso na sua obra que o “achado que foi por acaso” do termo etnometodologia se constituiu quando

---

<sup>2</sup> A Sociologia tradicional trata o ator social como “idiota cultural”, ou seja, aquele que é incapaz de decidir e conduzir suas ações, considerando que o sentido atribuído as ações do membro carecem de análise e interpretação pelo sociólogo cientista.

estava trabalhando com o fichário das áreas transculturais de Yale. Folheei por acaso o catálogo sem a intenção de encontrar esta palavra. Fui percorrendo os títulos e cheguei à seção etnobotânica, etnofisiologia e etnofísica. Ora, eu estava pesquisando jurados que aplicavam uma metodologia... Mas como dar um nome a essa habilidade, mesmo que fosse apenas para me recordar de sua substância?

E foi assim que a palavra etnometodologia foi usada no início. Etno sugeria de uma forma ou de outra que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade enquanto saber 'do que quer que seja'. Se se tratasse de etnobotânica, estaríamos lidando, de uma maneira ou de outra, com o conhecimento e com a compreensão que os membros têm daquilo que, para eles, constituem métodos adequados para abordar questões de botânica. É tão simples assim, e a noção de etnometodologia ou o termo etnometodologia eram tomados neste sentido.

Com base na explicação apresentada por Garfinkel, percebemos que a palavra “etnometodologia” é carregada de sentido e coerência, conotando a existência do membro na sociedade com um saber, ou seja, o modo prático do grupo é de importância por representar a teoria e a epistemologia empírica.

Para Garfinkel (2006), que foi o iniciador do movimento Etnometodológico, a etnometodologia trabalha com uma perspectiva de pesquisa compreensiva, em oposição à noção explicativa. Considera que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um e que em todos os momentos podemos compreender as construções sociais que permeiam nossas conversas, nossos gestos, nossa comunicação.

A realidade da vida cotidiana é o principal enfoque de estudo dos pesquisadores que utilizam a Etnometodologia que, de acordo com Berger e Luckmann (2013, p. 35), “apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. Por consequência disto o ator social possui saberes que orientam suas práticas e deste modo conferem um sentido concreto para eles na medida em que determinam suas ações.

No entendimento de Coulon (1998) a Etnometodologia, teoria do social, busca analisar as crenças e os comportamentos de sentido comum, compartilhados pelas pessoas, como componentes necessários para toda conduta socialmente organizada. Esta abordagem “considera os fatos sociais como realizações práticas e não como coisas” (COULON, 2008) e seu interesse se volta mais pelo social se fazendo, do que pelo social consolidado.

Nesse sentido, a Etnometodologia refere-se à metodologia de todo dia, em que **etno** significa membro de um grupo ou do próprio grupo em si e **metodologia** se refere aos métodos dos membros, surgida na década de sessenta do século passado, como uma corrente da Sociologia americana que buscou romper com a Sociologia tradicional e seu modo de desenvolver pesquisas à luz dos paradigmas positivista e pós-positivista, visto que ao considerar a preocupação com os fatos sociais, esta teoria apresenta como métodos os artifícios que os sujeitos constroem no dia a dia, sua leitura e interpretação de mundo, as ideologias e crenças que os afirmam na cultura.

Dessa forma, a perspectiva Etnometodológica observa a realidade coletiva com a certeza de que homens e mulheres, nas suas inter-relações e interações cotidianas constroem saberes específicos e símbolos particulares, e para tal, utiliza-se de etnométodos. Nesse sentido a Etnometodologia é definida como “ciência dos etnométodos”, pois analisa os métodos e as atividades de todos os dias nas mais diferentes circunstâncias da vida cotidiana, como se fossem métodos que os membros da sociedade utilizam para tornar essas atividades racionais a qualquer objetivo prático.

Sobre a natureza e investigação da ordem social, a Etnometodologia oferece uma perspectiva particular uma vez que os etnometodologistas estudam o que é dado como certo, as práticas de senso comum por meio das quais os membros da sociedade coordenam, estruturam e entendem suas atividades diárias.

Em seus estudos, Garfinkel (2018) esclarece que a Etnometodologia ao lidar com a organização da vida cotidiana, se constitui em contexto social produzido de forma endógena e naturalmente organizada, considerando ser por meio das ações práticas localizadas que os atores sociais criam e sustentam a ordem social.

Conforme nos orienta Coulon (1995, p. 8) a Etnometodologia,

não é um ramo separado do conjunto da pesquisa em ciências sociais. Pelo contrário, acha-se em relação, mediante múltiplas ligações, com outras correntes que, como o marxismo, a fenomenologia, o existencialismo e o interacionismo, alimentam a reflexão contemporânea sobre a nossa sociedade.

Considerando o autor referido torna-se necessário explicitar as bases principais de constituição da Etnometodologia levando em consideração que apesar de fazer destaque

a Fenomenologia, a Teoria da Ação e ao Interacionismo Simbólico, outras contribuições se fazem presentes, como por exemplo, a Linguística. Convém acrescentar, ainda, que por não ser objeto desses escritos não aprofundaremos essa discussão, apenas trazemos alguns elementos para melhor compreender a Etnometodologia.

As influências advindas da Fenomenologia permitiram a Etnometodologia voltar sua atenção para a estrutura e as condições que tornam a interação social estável e possível, uma vez que os indivíduos tomam a realidade como dada sem necessariamente se exigir explicação durante a ação.

Por outro lado, identificar a Teoria da Ação como base constitutiva de Etnometodologia requer uma compreensão no sentido de que toda ação social é interpretada com base na subjetividade do indivíduo considerando sua percepção sobre o ambiente no qual esse indivíduo está inserido, isso porque a essência dessa ação está na sua sensibilidade em relação ao significado das coisas e seres presentes no ambiente bem como a comunicação que ali se estabelece.

Nessa perspectiva Heritage (1999, p 325) salienta que a teoria da ação constitui

essencialmente uma teoria da motivação da ação e era dominada por duas preocupações fundamentais. A primeira é que a vida humana não deve ser entendida meramente como uma questão de adaptação passiva as pressões do ambiente. [...] A segunda preocupação de Parsons foi derivada da celebre discussão hobbesiana do caos no "estado de natureza".

O Interacionismo Simbólico, considerado pelos estudiosos da Escola de Chicago como espaço simbólico da vida social tem influência marcante para a Etnometodologia, haja vista que a compreensão que o sujeito tem do mundo no qual ele interage se revela como finalidade primeira da investigação sociológica. Nesse sentido Coulon (1995, p.22) realça a necessidade de se

preservar a integridade do mundo social para estudá-lo, e levar em conta o ponto de vista dos agentes sociais, pois é através dos sentidos que atribuem a objetos, indivíduos e símbolos que os rodeiam, que eles fabricam o seu mundo social.

Na mesma linha de raciocínio, e para compreender o significado do Interacionismo simbólico, Joas (1999, p. 131) chama a atenção no sentido de que é fundamental considerar o seu aprofundamento teórico o que necessariamente precisa ser contrastado

com as bases presentes na Escola de Chicago. Nessa linha de compreensão o autor enfatiza que o enfoque do Interacionismo simbólico,

são os processos de interação - ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca -, ao passo que o exame desses processos se baseia num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social.

Essas interações se constituem na base de sustentação das relações sociais que se realizam e se organizam tendo como alicerce as relações subjetivas e interpessoais presentes no ator social e que se manifestam através de atos, gestos e palavras.

Enquanto teoria, a Etnometodologia define a ordem dos fenômenos, sem, no entanto, se ater aos detalhes expressos nas ações dos sujeitos, porquanto seria viver a “pele do outro” e sentir o que eles sentem, tocando aos estudiosos a possibilidade de compreender e interpretar as ações, as colocações verbais e não verbais ancoradas por uma teoria, considerando que teorias são explicações da realidade. Nesse sentido, Minayo (2012, p.17) oferece algumas funções consideradas importantes para compreender e explicar essa realidade.

- a) Colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação.
- b) Ajudam a levantar questões, a focalizar o problema, as perguntas e a estabelecer hipóteses com mais propriedade.
- c) Permitem maior clareza na organização dos dados.
- d) E iluminam a análise dos dados, embora não possam direcionar totalmente essa atividade que deve se beneficiar dos achados empíricos, sob pena de anulação da originalidade propiciada pela pergunta inicial.

Garfinkel vai nos dizer que é através desta perspectiva que podemos no desenvolvimento de nossos estudos, abordar as atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático, ou até mesmo a ciência dos etnométodos, que se configuram nos procedimentos e nas realizações práticas (instituintes) que produzem os fatos sociais (instituídos) e que estão presentes nas atividades cotidianas do ator social e isso faz com que as ações práticas, as circunstâncias e o conhecimento do senso comum sejam analisáveis sob a ótica das estruturas sociais e do raciocínio sociológico prático. É afirmar que os etnométodos construídos pelo ator social se configuram como alternativas para viver, criar e recriar a realidade a partir das suas próprias necessidades.

Nesse sentido, convém destacar que o ator social, aquele que desenvolve diferentes etnométodos no seu cotidiano, não pode e nem deve ser discriminado por ser uma pessoa “do povo” porque a sua valorização é fundamental para a Etnometodologia e essa compreensão fica evidente quando Garfinkel afirma que “o ator social não é um idiota cultural”, uma vez que no seu contexto, é esse ator social que vai dar conta das suas próprias necessidades. E aí Garfinkel vai chamar nossa atenção para a necessidade de compreender que a realidade cotidiana, o contexto social de interação entre os indivíduos não pode separar aquilo que não é separado: observador, sujeito e contexto.

Trazendo as ideias de Macedo (2010, p.249) é possível afirmar que esse modelo de pesquisa se preocupa com o homem em seu contexto social e como esses processos sociais constituem o homem. O etnometodólogo deve ser capaz de ver além do que os outros enxergam e isso só é possível se estiver verdadeiramente implicado. A implicação é um nó de relações e significa estar implicado, estar envolvido, debruçado, ou seja, é impossível trabalhar com a ação do outro sem a possibilidade de compreender como essa ação e suas realizações estão conectadas com as “bacias semânticas<sup>3</sup>”, de onde emergem essas ações e realizações. Bacia semântica é uma expressão cunhada por Macedo para esclarecer que a linguagem comum ou do senso comum é fundamental para compreensão dos contextos sociais.

Nessa direção faremos uma breve contextualização dos princípios que subsidiam a Etnometodologia e que interagem num vocabulário específico que é estabelecido por conceitos e pelas suas peculiaridades e interdependências, assim especificados e definidos: prática/realização, indicialidade, reflexividade, *accountability* e noção de membro.

**Prática e realização:** de acordo com Coulon, os fenômenos cotidianos se deformam quando analisados pela “grade de descrição científica”, porque não há um mundo de regras, normas e estruturas exterior e independente das interações (constância do objeto). Daí a ideia de processo quando os sujeitos continuamente atualizaram as regras e modelos utilizados no cotidiano.

---

<sup>3</sup> Segundo Macedo (2010, p. 249), essa é uma “expressão do antropólogo francês Gilbert Durand. Conjunto de significantes produzidos por um segmento sociocultural. Rede de significantes que impregnam e orientam nosso imaginário e nossas ações”.

Esse conceito denota a prática vivida, experimentada e refletida no processo de interação dos sujeitos, homens e mulheres, na construção e (re) construção da vida em sociedade decorrente das leituras e (re) leituras do universo, interagidas pelas linguagens em que as manifestações dos atores se concretizam. Enfatiza circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático desenvolvido pelos atores no curso de suas atividades cotidianas, incluindo a recuperação e a análise do saber de senso comum. Na perspectiva de Antonello e Godoy (2009, p. 279-280),

os estudos baseados em práticas partem da noção de uma realidade emergente, do conhecimento como uma atividade material, conectada a artefatos materiais: o social não só está relacionado aos seres humanos, mas também a artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática é rica à medida que articula a noção de espaço-tempo do fazer dos atores, isto é, como práticas 'situadas', implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a essas práticas.

Do contexto entrevisto, depreendemos que, quando as práticas são desempenhadas, elas introduzem uma determinada ordenação de elementos humanos e não humanos que, apesar de frágil, temporária e constantemente ameaçada pela desordem, torna-se parte de uma rede de práticas ancoradas umas às outras (BISPO; GODOY, 2012).

Esta perspectiva preocupa-se com as ordens e desordens construídas pelo ator social, isto é, as práticas cotidianas passam a ser vistas pelo pesquisador como importância ao que é expresso pelo sujeito, pois é recuperada a análise do senso comum (GUESSER, 2003, p.158). Essa recuperação de acordo com o autor favorece para “descobrir no senso comum os verdadeiros sentidos que os atores dão às suas ações e esperam desvendar o raciocínio prático que orienta as ações sociais”.

A partir desse sentido, a prática/realização se afirma como conceito de suma relevância para as pesquisas por demonstrar que ações diárias são fontes de estudos e que tem como preocupação desvelar os sentidos práticos que são constituídos no senso comum e se confirmam como relevância científica ao tempo que emergem a descritibilidade, analisabilidade e interpretabilidade (MACEDO, 2010).

**Indicialidade:** A vida social se constitui pela linguagem cotidiana de todos os dias. É o conhecimento do contexto que permite atribuir-lhes sentido. Embora a palavra

tenha uma significação trans-situacional ela tem igualmente significado distinto nas situações particulares em que é usada.

As indicialidades (COULON, 1995) expressas no discurso das linguagens ordinárias como ocorrências de palavras, não devem ser tomadas como pura e simples expressão "objetiva", pois em seu contexto ganham significados para além de sua objetividade. Essas expressões constituem complemento narrativo que só poderão ser desenvolvidas pelos atores que possuírem o conhecimento contextual local no qual aquela fala se insere. Para Garfinkel (2006), a linguagem natural, ordinária, por meio da qual as pessoas se expressam em seu dia a dia, é profundamente indicial, pois, para cada ator social, o significado de sua linguagem cotidiana depende do contexto em que ela se manifesta.

A Sociologia, entendida pelos estudos etnometodológicos como sociologia profissional busca investigar nas pesquisas o fenômeno e como ele se manifesta na realidade social, constatando situações de desordem, de conflitos, de contradições presentes nessa realidade se depara com descrições e interpretações próprias dos sujeitos que compõe esse social, admitindo assim a presença do ator social que utiliza no seu cotidiano, nas extremidades do *lócus* cultural, de expressões indiciais carregadas de intenções, de interpretações, de certezas e de significações. Em torno dessa construção, compreendemos a definição da indicialidade como todas

as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação. Indicialidade é um termo técnico, adaptado da linguística. Isto significa que, embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada. Sua compreensão profunda passa por "características indicativas" e exige dos indivíduos que "vão além da informação que lhes é dada". (COULON, 1995, p. 33)

Desta perspectiva, compreendemos que indicialidade usadas pelos membros de um grupo é entendida quando estabelece diálogo e forja a dialética natural entre eles e o contexto construído, ou seja, só quem está inserido no grupo sabe o exato sentido colocado pelos membros.

**Reflexividade:** Não confundir reflexividade com reflexão, pois quando dizemos que uma pessoa desenvolve uma prática reflexiva estamos dizendo que ela reflete sobre aquilo

que faz, ou seja, ela reflete, mas não têm consciência, não para refletir todo o tempo. Seria, portanto a equivalência entre descrever e produzir uma interação. (exemplo do carro).

Para Coulon (1995, p.41), a reflexividade "designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social". Podemos constatar que é nas inter-relações dos sujeitos em suas atividades cotidianas, que se elaboram suas compreensões e idealização do mundo, executando sua reflexividade, detecta-se uma equivalência das potencialidades dos membros tanto nas formas de descrever as interações quanto de produzi-las. Nessas atividades, as descrições produzidas pelos membros são sempre encarnadas, isto é, ganha forma peculiar do narrado. Nesse discurso "o que a noção de reflexibilidade evidencia é que no processo de ação social se constitui e se é constituído" (MACEDO, 2010, p.76).

A reflexividade um dos conceitos da Etnometodologia, de certa medida, difere do discurso sobre reflexividade encontrado em Antropologia e Filosofia. A capacidade de observar as suas próprias pressuposições na criação das descrições etnográficas não é o que está em jogo aqui, mas antes, os modos reflexivos em que pessoas comuns entendem seu mundo em ambiente cotidiano sendo, esse aspecto, o alvo da pesquisa. Embora as ideias fenomenológicas sobre a projeção de estruturas de sentido sobre a experiência (de modo geral, os legados de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty) deem forma a essas investigações, a Etnometodologia vai além do idealismo e do individualismo fenomenológicos ao observar como os eventos se organizam em modos que excedem os controles racionais e deliberados.

Constatamos nos estudos de Coulon (1995) a distinção entre o uso da reflexividade e da reflexão. Segundo o autor a reflexividade designa "as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. É a propriedade das atividades que pressupõem ao mesmo tempo em que tornam observável a mesma coisa" (p. 41). Enquanto, a reflexão Coulon (1995) explica que é uma ação em que as pessoas têm práticas reflexivas, ou seja, um ato que exige a reflexão sobre o que fazem.

As interpretações ativas ou os interesses unem suas forças e relevância, o que por sua vez reforça a coerência e a inteligibilidade das interpretações que são assim empregadas. Como notou Wittgenstein, o sentido de uma palavra é seu uso; a Etnometodologia investiga como esses usos são incorporados pelas partes colaboradoras

em uma estrutura de entendimento, e como essa estrutura é então tornada disponível para todos.

**Accountability:** Seria a possibilidade de explicação. As atividades são relatáveis, descritíveis, ou seja, o mundo não é dado de uma vez por todas, ele se realiza nos atos práticos, ou seja, abordar os relatos do mundo como realização em situação (não como indícios da verdade) pois esses relatos permitem não descrever o mundo, mas mostrar sua constituição, sua “fabricação”.

O princípio da *Accountability* é evidenciado pela flexibilidade e se constitui no que mais se aproxima das descrições dos sujeitos sobre o mundo vivido. A sua característica é compreendida pela capacidade manifestada pelos membros de se apresentar incessantemente à realidade produzida e vivenciada. Refletir a relação homem-natureza à luz da *accountability* é compreendê-la de modo mais aproximado e profundo de seus elementos estruturantes. Significa a condição manifestada para apropriar-se dos processos de inter-relações que se definem nessas vivências e são apresentadas ao se construírem.

*Accountability* ou relatabilidade é a característica que permite aos atores sociais comunicarem e tornarem as atividades práticas racionais compartilháveis caracterizando a intersubjetividade e a constituição da ação social do conhecimento, daí sua aproximação ao interacionismo simbólico. A relatabilidade, portanto, refere-se a um trabalho prático de um grupo de atores preocupados em encontrar uma forma de organizar a si próprios de modo que suas tarefas práticas possam ser realizadas de uma maneira ordenada, e de modo que todos os participantes possam reconhecer qual é a ordenação local.

As partes oferecem cada uma, “relatos” do que estão fazendo e, uma vez oferecidos, esses relatos podem ser aceitos, corrigidos ou rejeitados considerando que essas atividades locais procedem então sob a autoridade do relato. Esses relatos compõem os meios para a institucionalização das tarefas em um ambiente local, uma vez que em todo ambiente social, pessoas se encarregam de atividades não somente por causa da realização do trabalho em causa, mas também com uma orientação duradoura para a tarefa de produzir e manter uma ordenação social que facilitará a realização cooperativa do trabalho em causa. Esse interesse pela ordenação local de tarefas é uma preocupação de cada

pessoa, e mesmo uma obrigação irresistível, sem interrupções, pois ali se expressa a relatabilidade de toda ocasião local.

O relato, quando utilizado pelo pesquisador nas pesquisas sociais, toma sentido e significância perante as situações construídas pelo sujeito, pois consciente ou não de suas atividades práticas o ator social se direciona a viver em grupo em compartilha de questões que permeiam sua realidade. É, nesta convivência com outros membros que as ações diárias são produzidas pelas expressões de cada um, e colocadas à disposição daquele que estuda não apenas o relato, mas toda forma de manifestação disposta dele.

Desse sentido, a apreensão dos significados imersos da realidade do grupo conduz ao pesquisador compreender o *accountable* como “algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável” (COULON, 1995, p. 45). A captura dessas construções diárias exige o envolvimento do pesquisador que tem a necessidade de exercer a característica de um participante que se comprometem com as questões sociais, uma vez que o relato circunda nas aspirações constituídas em interação.

**Membro:** Não é só a pessoa, mas a pessoa dotada de modos de agir, de saber-fazer, que exhibe “naturalmente” a competência social. Seria em outras palavras, aquele que domina uma linguagem natural, comum a cultura e o seu dinamismo próprio. Tornar-se membro significa filiar-se a um grupo e isso exige o domínio da linguagem institucional comum a esse grupo. Como membro o agente social não sente necessidade de se interrogar sobre o que faz, pois ele conhece as regras implícitas dos comportamentos e as aceita nas rotinas sociais. Aqui vai uma pergunta: nós somos parte ou membro da nossa família? O que nos faz ser membro desta família?

A noção de membro refere-se à interação dos sujeitos que ao estabelecerem a comunicação em seus grupos de pertença, compartilham a construção social. O membro é identificado como pessoa que apresenta como característica preponderante, o domínio da linguagem comum ao grupo e se relaciona em rede de significados em suas inter-relações. Parte então do pressuposto, para sua investigação, de que etno não significa fazer parte de um grupo. Só se é membro de um grupo quando dominamos a linguagem comum daquele grupo. Na perspectiva de Coulon (1995, p. 48) um membro é

uma pessoa que respira e pensa. É uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

É, portanto, com base nessa perspectiva que Cicourel (1974) acrescenta aos estudos etnometodológicos outra propriedade, que ele chama de procedimentos interpretativos e que vêm trazer grandes contribuições à Etnometodologia. Seus trabalhos, muitas vezes trazem a marca dos estudos de Garfinkel, porém em outros momentos podem ser atribuídos, com mais nitidez, ao pensamento de Schütz. “Os procedimentos interpretativos e seus traços reflexivos fornecem, em permanência, instruções aos participantes de tal modo que se possa dizer que os membros programam suas ações recíprocas na medida em que a ação se desenrola” (1998, p.75).

Sendo assim, torna-se um tanto difícil distinguir o Interacionismo Simbólico, da Etnometodologia, pois toma como princípio, em primeiro lugar, o ponto de vista dos atores, seja qual for o objeto de estudo, pois é através dos sentidos que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, a construção de seu mundo social. Difere, portanto, de outras teorias da ordem social que pressupõem significações sociais escondidas sob o mundo das aparências fenomenais. A interação é estudada por si mesma, por isso o interacionismo tem como preocupação imediata, o mundo social visível, tal como é movido pelos atores.

Partindo desses conceitos que são elementos fundamentais para o pesquisador que deseja se fazer um etnometodólogo, torna-se necessário perceber além daquilo que está exposto, praticando o exercício da escuta sensível de Barbier, através de olhares, gestos e principalmente das vozes e das múltiplas linguagens utilizadas pelos agentes sociais. A essência da Etnometodologia está na possibilidade de investigar a realidade cotidiana da forma como ela efetivamente é.

Vale salientar, ainda, que a Etnometodologia nos permite compreender melhor esse mundo cotidiano no qual tudo está junto e misturado, pois tudo o que fazemos de uma forma ou de outra, se vincula as nossas implicações.

## Vivenciar a etnometodologia em situação prática

Nesse tópico nossa intenção é oportunizar ao leitor compreender o movimento feito pela Etnometodologia em contexto investigativo levando em consideração: o campo, os dispositivos constitutivos dos dados e a postura do pesquisador. A Etnometodologia conforme Coulon (1995, p.29) nos esclarece que apesar de dispor de vocabulário próprio é relevante ressaltar que

ora toma de empréstimo alguns de seus termos alhures: a indicialidade da linguística, a reflexividade da fenomenologia, a noção de membro de Parsons: ora retoma termos da linguagem corrente modificando-lhes o sentido.

Vale ressaltar, ainda, que não podemos esquecer que os procedimentos utilizados pela Etnometodologia para compreender seus objetos de estudos não são próprios, não são novos. Essa construção se apoia em procedimentos próprios da Etnografia visto que, conforme nos esclarece Coulon (1995, p.85) “os etnometodólogos – como não produziram uma tecnologia original – se vêem obrigados a usar instrumentos de pesquisa. Tomaram esses instrumentos emprestados da etnografia”.

Em estudos etnometodológicos dispositivos como observação participante, entrevista narrativa, memorial formativo e rodas de conversas constitui possibilidades que o pesquisador pode lançar mão para se inserir no contexto e estudar as atividades cotidianas, considerando o que Coulon (1995, p. 30) visto que “os etnometodólogos têm a pretensão de estar mais perto das realidades correntes da vida social que os outros sociólogos”. Esses dispositivos se constituem, por excelência, como os mais indicados se considerarmos que todos colocam o ator social como protagonista da sua necessidade cabendo ao pesquisador uma postura sensível capaz de garantir compreender e descrever de forma densa o fenômeno investigado.

Considerando as orientações no que diz respeito aos dispositivos na condução dos estudos etnometodológicos, de igual importância é pertinente observar a postura do pesquisador na perspectiva de artesão intelectual cujo olhar se volta para a escuta do campo o que se traduz na sua implicação enquanto parte da realidade social.

O trabalho de artesão se constitui traço marcante do etnometodólogo considerando que a sua entrada no campo deve se inclinar para o processo e não para o produto, ou seja, a relevância em analisar o processo uma vez que a realidade social é permanentemente criada pelos atores sociais e não se constitui em um dado *a priori*. Com a sensibilidade que envolve o pesquisador nesse trançar e retrançar seu olhar, a escuta sensível chega, conforme nos orienta Barbier (2004, p.94) para reafirmar que

o pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a “existencialidade interna” na minha linguagem).

Nessa direção apreendemos que a escuta sensível requer do pesquisador uma conduta ética, social e moral visto que se faz na compreensão da existência interna para buscar compreender o outro por empatia. A escuta sensível enquanto momento silencioso se constitui na relação de confiança entre o pesquisador e o campo e na postura coerente do pesquisador e sua implicação. Essa conduta remete a necessidade no sentido de que o pesquisador se abra para os múltiplos olhares com a finalidade de romper a hegemonia epistêmica.

Dizendo de outra forma o pesquisador precisa estar implicado em todo o movimento que irá produzir o processo de construção do conhecimento a partir das abstrações presentes no cenário estudado, isso porque o ato de implicar-se consiste no reconhecimento simultâneo de que ao implicar o outro estou também me implicando. Essa compreensão do eu e do outro expressa a necessidade que o pesquisador tem em assumir uma postura epistemológica que garanta transitar por lugares desconhecidos.

### **Impressões inconclusas**

Neste artigo nossa intenção foi apresentar ao leitor uma maneira simples de compreender a Etnometodologia sua história, princípios e expoentes que ajudaram a construir essa abordagem metodológica como instrumento valioso de reflexão e pesquisa no âmbito da educação. Nesse sentido podemos realçar que a Etnometodologia abriu

espaço para redefinir a sociologia se voltando para a influência que a atividade prática exerce no contexto social pois conforme destacamos ao longo do texto temos a convicção de que as bases epistemológicas aqui enfatizadas é que aquele que se volta para os estudos etnometodológicos será capaz de compreender que os etnométodos produzidos pelo ator social podem se tornar instrumentos potentes de investigação no campo social e em específico no espaço educacional.

Temos clareza e convicção no fato de que uma das bases do raciocínio prático encontra-se na maneira como os membros de uma sociedade utilizam a palavra e a narrativa cotidiana para determinar a posição de suas experiências e de suas atividades e isso faz com que reafirmemos que a pesquisa etnometodológica está muito mais comprometida em demonstrar e descrever de forma densa os detalhes, os ditos e os não-ditos e de forma mais especial os etnométodos produzidos a partir da necessidade dos atores sociais.

## Referências

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v.49, n.3, p.266-281, 2009.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BISPO, L. M. de S. B.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. **Rev. Adm. Contemp.** v.16, n.5, Sept./Oct. 2012.

CICOUREL, A. **Cognitive sociology: Language and meaning in social interaction**. New York, 1974.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Tradução Tomás R. Bueno. São Paulo: Papyrus, 1995.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GARFINKEL, H. **Studios en etnometodología.** Barcelona: Anthropos, 2006.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 2018.

GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Em Teses - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.1, n.1, p. 149-168, agosto-dezembro, 2003.

HERITAGE, J. Etnometodologia. In: GIDDENS, A.; TURNES, J. (Org.). **Teoria social hoje.** Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999. - (Biblioteca básica)

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNES, J. (Org.). **Teoria social hoje.** Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999. - (Biblioteca básica)

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2012.